

REFLEXOS DO POSITIVISMO EM A CHAVE DO TAMANHO

Antônio Carlos Scavone

O Positivismo, movimento filosófico da segunda metade do séc. XIX, inspirado nas ciências da natureza, ou positivas, reduziu o conhecimento humano ao conhecimento sensível; a metafísica à ciência e o espírito à natureza. No entanto, foi com o conceito da teoria da evolução que se diferenciou das escolas anteriores.

Nossa proposição, no presente artigo, é a de demonstrar reflexos do pensamento positivista no livro **A chave do tamanho**, de Monteiro Lobato.

Iniciemos pelas referências diretas feitas ao Positivismo na dita obra. Elas não são poucas. Principalmente, ao seu aspecto mais marcante: a teoria da evolução. Tais referências salientam-se pela linguagem didática:

"Se o sistema não fosse tão bom, a **ordem** dos coleópteros não se multiplicaria em tantas **espécies**. Quando um sistema não é aperfeiçoado, os bichos que o usam levam a breca, como aconteceu com os grandes sáurios. Por que desapareceram tais monstros? Justamente porque o 'sistema sáurio' não prestava. E por que os besouros aumentaram? Porque o 'sistema besouro' é aqui da pontinha — (...)" (p. 24).

"— Que mundo este, Santo Deus! — (...) — É o tal 'mundo biológico' de que tanto o Visconde falava, bem diferente do 'mundo humano'. Diz ele que aqui quem governa não é nenhum governo com soldados, juizes e cadeias. Quem governa é uma invisível Lei Natural. E que Lei Natural é essa? Simplesmente a **Lei de Quem Pode Mais**. (...) O que pode mais tem o que quer, até o momento em que apareça outro que possa ainda mais e lhe tome tudo. E por que essa maldade? O Visconde diz que é por causa duma tal **Seleção Natural**, a coisa mais sem coração do mundo, mas que sempre acerta pois obriga todas as criaturas a irem se aperfeiçoando." (p. 26).

A simplicidade com que a teoria é exposta, surpreende. Nem a vivacidade do diálogo a encobre:

"Ah, você está parado, não se aperfeiçoa, não é?" — diz a Seleção para um bichinho bobo —. "Pois então leve a breca." E para não levar a breca o bichinho trata de inventar toda sorte de defesas e astúcias" (idem).

Não contente, Emília passa a citar exemplos mais concretos:

"O tatuzinho inventou aquela defesa de virar bola e fingir-se morto. Os gafanhotinhos inventaram um verde que os confunde com a grama. As aranhas inventaram a teia para caçar as moscas e os ferrões e o veneno para se defenderem. (...) A pulga inventou o pulo" (idem).

Ela canta a natureza, ao gosto não só do Positivismo, como do Empirismo (séc. XVII) e do Sensismo (séc. XVIII):

"Que são as invenções dos homens perto dos milhões de inventos destes bichinhos?" (ibidem).

Porém, o lado cruel também é mostrado:

(...) "a tal Seleção só tem duas palavras na boca: 'Isca! Pegal!'" (ibidem).

E não esquece os exemplos:

"À esquerda viu uma aranha sugando um mosquito preso em sua teia invisível. À direita um bando de formigas atacadadas a uma pobre minhoca, que se debatia como um 'S' vivo. Um filhote de louva-a-deus estava fingindo que rezava de mãos postas, mas na realidade aquilo não era reza e sim um bote armado contra uma presa qualquer." (ibidem).

Para concluir filosoficamente:

"A vida é uma caçada contínua. Estes meus colegas parecem que só não caçam quando estão dormindo." (ibidem).

A partir do momento que Emília acionou a chave do tamanho, instaurou-se um mundo novo. E naturalmente um novo processo: a adaptação. Desde então, essa é questionada no decorrer do livro:

"— Chorar não adianta, Dona Nonoca. O que temos de fazer é nos adaptar.

E explica, consolando:

— Adaptar-se quer dizer ajeitar-se às situações. Ou fazemos isso, ou levamos a breca (...) A senhora até teve muita sorte de que nenhum passarinho ou gato a visse" (p. 35).

A dificuldade de adaptação dos mais velhos fica demonstrada de maneira dramática. O Major Apolinário e esposa, graças à "lerdeza com que se adaptavam às novas condições de vida" (p. 38), foram engolidos pelo gato Manduca.

A vida é dinâmica e não se coaduna com o conforto da estaticidade. Daí por que a criança tem, em geral, mais condições para se habituar às coisas novas. A própria Emília é o exemplo. Constantemente pressionada a adaptar-se, adapta-se como pode, basta ver sua atuação como tutora de Juquinha e Candoca.

Além disso, Emília acreditava na capacidade adaptativa dos bichinhos, perante o mundo. Ela inspirava-lhes fé. Fé na humanidade pequenina, pois o homem é mais inteligente do que os insetos.

Aliás, acreditava plenamente na capacidade adaptativa dos "homitos". Tamanha crença sensibilizou o Visconde, embora seu ceticismo inicial:

"Adaptar-se! Você usa das palavras da ciência, mas não sabe. Repete-as como papagaio. Isso de adaptação é certo, mas é coisa de milhares de milhões de anos, Emília. Pensa então que, do dia para a noite, essa enorme população humana, que você apequenou e está nos maiores apuros, vai ter tempo de adaptar-se? Morre tudo antes disso, como peixe fora d'água e adeus Homo sapiens!" (idem).

Característica marcante do espírito positivo, dominante no livro, é a preocupação pela exatidão, qualidade tão requerida pela ciência. O autor mensura tudo, com a máxima minúcia. Mais parece um texto científico, às vezes, o seu discurso. No capítulo II, coloca, como se fosse um problema matemático, a indagação sobre o tamanho de Emília, após reduzida:

"— Posso calcular o meu tamanho por comparação com as letras da palavra FOSFOROS. Essas letras tinham um terço de centímetro no tempo em que eu tinha 40. Ora, se eu tinha 40 centímetros, era 120 vezes maior que um terço de centímetro. E agora? Qual o seu tamanho em relação a essas letras?" (p. 16).

Então ela descobre ter diminuído 40 vezes!

No terceiro capítulo, vai mais longe o autor, ao mensurar Emília em relação aos seres da realidade circundante. A porteira do sítio era duzentas vezes maior do que ela. A casa possuía a mesma altura do Pão de Açúcar, comparado a um homem. Cem metros "exigiam 33.333 passos, visto como o seu

passo se reduziria a 3 milímetros" (p. 18). O pinto sura era um monstro terrível, aproximadamente vinte vezes mais alto do que ela.

No quinto e sexto capítulos, prosseguem as comparações. O regador, quarenta vezes a altura de Emília; a torneira situava-se a cinco palmos do chão, i.é., "a cem alturas de Emília" (p. 31). "A altura da calçada seria uns 20 centímetros, o que representava 20 alturas da Emília" (p. 32). O cano de borracha do jardim possuía um diâmetro equivalente a três vezes a altura dela; na escada da casa, cada degrau era vinte vezes maior do que ela.

No oitavo capítulo, novos cálculos. Candoca sentia medo pelo fato do degrau ter 15 vezes a altura dela, o que correspondia a uma altura de 27 metros para o Coronel Teodorico. O tapete do interior da casa possuía "meio centímetro de espessura — metade da altura dela!" (p. 45). O tamanho de uma pulga encontrada correspondia ao de um leitão diante de um homem.

No décimo capítulo, mais cálculos ainda. A mesa possuía a altura de Emília 80 vezes; Itaoca, vilazinha distante meia légua do sítio, estava agora a uma distância de 1.200.000 de passos. Uma rua de 20 metros, equivalia a 2.000 vezes sua alturinha.

Na sua tendência à precisão, o autor prende-se demasiadamente aos números, como se estivesse demonstrando cientificamente o apequenamento da humanidade. O que se constitui, no mínimo, um gosto pela atitude científica.

Aliás, se observarmos a ação de Emília e do Visconde, na estória, constataremos que suas atitudes estão impregnadas de cientificismo. Poderiam mesmo ser classificadas de científicas. E quem melhor do que o erudito Visconde para encará-las?

"O Visconde saiu do sítio para 'assuntar', isto é, ver se todas as criaturas humanas estavam diminuídas, ou se a redução se dera apenas em casa de Dona Benta. Mas o encontro com Emília tornava inútil a ida à cidade. Todas as criaturas estavam reduzidas, sim, e a autora da grande transformação era a ica de gente que se acomodara em sua cartola!" (p. 74).

Como se vê, o Visconde, cientista, era objetivo. Foi pesquisador para constatar a generalização do fenômeno. E, posteriormente, sua causa. Encontrando Emília, obteve uma respos-

ta total às suas indagações, o que tornou desnecessária a continuação das investigações.

Enfim, pode-se dizer que essa atitude não era surpreendente, pois

"O Visconde era sábio, e os sábios não sabem andar na toada firme e contínua dos ignorantes. O Visconde andava um pouco e parava para observar qualquer coisa. Aqui, um coleóptero novo que ele via pela primeira vez (...). Depois uma pedrinha qualquer (...)" (p. 66).

Contudo, é muito sintomático o fato de ser um cientista voltado para as ciências da natureza, justo as embaixadoras do positivismo e consideradas sinônimo de ciência.

A própria maneira de contar da sua surpresa diante da diminuição de Pedrinho denuncia seu espírito altamente científico:

"Fiquei impressionadíssimo. Era um fenômeno acima de qualquer compreensão. Olhei para o monte, com os olhos arregalados. Que seria aquilo? Que fim levava o menino? Tudo mistério. Sentei-me então diante do monte de roupa e fiquei a parafusar hipóteses. Mas por mais que parafusasse hipóteses não achava nenhuma que servisse. Aquilo me pareceu o mistério das mistérios." (p. 76).

Procurou o caminho da razão, pois "positivamente não entendia nada" (idem). Supora ser um sonho. Quando viu, entretanto, um inseto desconhecido pela ciência, com duas e não seis pernas, a sensação de sonho também cresceu. Abriu a janela do laboratório e olhou novamente com a lente, era "Pedrinho em pessoa, mas sem tamanho!" (idem). Foi quando constatou que todas as pessoas do sítio tinham sofrido redução. E à sugestão de Narizinho, foi investigar a generalidade do fato, fora do sítio.

Emília, ou por influência do Visconde ou pelo questionamento que faz da realidade, mostra também maneiras de agir científicas. Ei-la, no capítulo segundo, quando, na Casa das Chaves, tentava descobrir a chave da guerra. A reflexão fálhara:

"— A única solução é aplicar o método experimental que o Visconde usa em seu laboratório. E ir mexendo nas chaves, uma a uma, até dar com a da guerra." (p. 12).

No terceiro capítulo, o valor da experiência é realçado novamente, apenas que em outro ângulo. A única maneira de

saber a sensação de uma formiga, perante uma casa — viver sua experiência.

O processo de escolha da montaria — capítulos quarto e quinto — é uma verdadeira eliminação de hipóteses. Depois do fracasso com o caramujo, com o "tatu-bola" e com o gafanhoto encontra a montaria que seria a ideal, por pertencer a um sistema bom, capaz de sobreviver e se multiplicar em milhares de espécies. Entretanto, era mister dominar sua dirigibilidade, racionalmente. O besouro é muito pesado.

Assim, a técnica de experimentação é explicitada, de modo didático, pelas atitudes de Emília.

No sexto capítulo, ordena sistematicamente seus conselhos, tentando transformá-los em normas de conduta, àquela situação. Exemplo marcante é o seu método de procurar Candoca e Juquinha: "ia pensando em todas as hipóteses imagináveis. O certo era estarem mortos (...) Mas havia o incerto — e era no incerto que Emília levantava as suas hipóteses." (p. 74).

Aliás, Emília cultiva a imagem de uma pessoa fria. E com um esforço tal que chega à pose. Quando o Visconde a convida para que regressem imediatamente à Casa das Chaves, porque cada minuto perdido eram milhões de vidas perdidas, retrucou:

"— E não se perde grande coisa. (...) O infinito é um colosso, Visconde. Há lá pelos céus milhões e milhões de astros muitíssimas vezes maiores que esta pulguinha de terra. E nesta pulguinha de terra a humanidade é uma poeirinha malvada. Para o Universo tanto faz que essa poeirinha exista como não exista." (p. 105).

O crescendo de seu raciocínio dá a exata dimensão da lógica de seu pensamento. Porém o Visconde não se deixou levar pelas aparências e disse: "quando se põe a filosofar parece que tem coração duro, mas não tem" (idem).

E observe-se a frequência de uso do verbo filosofar, tendo como sujeito Emília. Permeia o livro. Emília pensa e por isso sabe das coisas. Capítulo dois: "Pôs-se a pensar com toda a força." (p. 13); "E pôs-se a pensar mais forte ainda." (...) "Pensou, pensou." (...) "Pensou, pensou, pensou." (p. 15); "pensava, pensava" (p. 16) e assim por diante.

Além do mais, à tese de loucura coletiva, aceita por alguns para explicar o apequenamento humano, Emília reage: "Uma

loucura assim de toda gente não pode ser loucura; loucura é coisa só de uns." (p. 103).

Também não aceita a tese de sonho. Afinal, o mundo era uma máquina de mil peças. Com certeza alguma peça saíra do lugar. De um lado, a lógica de sua atitude é coerente com seu conhecimento da verdade; de outro, ela deixa bem claro seus conceitos de ordem e hierarquia (a segurança) perante a loucura e/ou sonho (o caos), ou seja, aquilo que considera o normal e o anormal. Conceitos cultivados pelos positivistas.

Como se vê, Emília age mais pelo intelecto do que pelos impulsos, atitude coerentemente positiva.

A propósito, há um forte espírito positivista presente no pensamento das outras personagens. Tia Anastácia, por exemplo, não acreditava que estivesse viva, pensava que o mundo acabara: "ou já morri e estou num céu, ou tudo isto é sonho." (p. 101).

Dona Benta, apesar de acostumada com as loucuras da casa, tinha fortes dúvidas: "Não sei se sou gente grande que está sonhando que é gatinha, ou se sempre fui gatinha que por muito tempo sonhou ou era gente grande." (p. 102). Demonstra, pelo menos, uma consciência mais clara da relatividade do que se convencionou chamar realidade.

Menos sábio, o Coronel exalava pavor pelos poros. Absolutamente não duvidava: era um pesadelo. Um homem sem medo, temendo agora seus próprios leitões! Não concebia como possível. "O que me parece é que eu estou louco ou que todos estão loucos." (p. 102). Lembrou, então, do louco que se convenceu ser um pote. "Quem sabe se nós enlouquecemos e estamos tal qual o homem do pote? Quem sabe se não há nada disto, e tudo é ilusão nossa?" (idem).

Já o Dr. Barnes era um sábio de profissão. Antropólogo, chefe da cidade do balde, onde nascia um novo núcleo, da nova civilização. Trabalhava, visando a desenvolver as possibilidades da ordem que se instaurava, agora. Daí suas pesquisas relativas à subsistência, moradia, e até transporte e vestuário. Acreditava existir solução para tudo. Aberto, aproveitou inclusive idéias de Emília. Logo, a atitude científica nele é natural e necessária.

Quanto à oposição realidade versus loucura/sonho, é preciso dizer que o autor desenvolve a estória com um realismo

exacerbado, após o apequenamento geral das criaturas. O que tem como uma das conseqüências, a busca de precisão, já explanada. É como se o próprio autor estivesse querendo se convencer e aos outros da realidade do mito que criou. Ou talvez a precisão esteja mais ligada com a tendência positivista do autor a demonstrar os fatos?

No entanto, para o Visconde e Emilia, aquela realidade não era tão absurda; caso contrário, como se explica o seu desejo de que permanecesse? Explica-se: o poder.

No capítulo XII, o Visconde estava apavorado pela ação de Emilia. Ora, destruir a "humanidade clássica" era destruir ele próprio. Uma catástrofe! Quem iria perdô-lo? Os homens teriam de criar uma outra, muito diferente, caso subsistissem. Mas, depois vacilou em aceitar o retorno da humanidade ao antigo tamanho:

"Lá no fundo do coração, o Visconde preferia que as coisas ficassem como estavam, porque ele passara a gigante, em vez de continuar um simples sabugo" (p. 71).

Quando iria imaginar que um dia seria apresentado a Hitler, nesses termos?

"— Não se assuste, Excelência. O Visconde é o maior gigante do mundo, mas também é milho, um vegetal extremamente pacato. Além disso é um grande sábio, hoje o maior sábio do mundo." (p. 111).

Porém, a responsabilidade era muito pesada. E ele resolveu recuar. Cansado de ser dirigido por Emilia e ser tão requisitado pelos governos. Melhor, a antiga vida. Não era, pois, aceitar ou não a realidade, mas de ver apenas o conveniente para si.

E Emilia não ficava para trás. Se de um lado queria ajudar o mundo com sua ação de virar a chave do tamanho, de outro, estava muito contente de ter o poder do mundo em suas mãos, pois um dia receberia os agradecimentos da humanidade nova (cap. XIII). Não só Narizinho percebeu ser Emilia a autoridade maior. Não só Dona Benta cuidava para não irritá-la. O próprio Visconde via, com clareza, isso:

"— E como vai ser a vida dos homens daqui por diante? — perguntou o burro.

— Ainda não sei. Isso depende da Emilia. Há duas hipóteses: ficar tudo como está, ou voltar tudo ao que era. (...)" (p. 92).

Sendo o maior sábio da terra, por sua resposta pode-se dimensionar o poder de Emilia. Ele, inclusive, estava nas mãos dela, o que a tornava mais poderosa ainda, capaz de mandar o Grande Ditador calar-se.

Não admira, então, sua posição contrária à volta do tamanho. Ela perderia o poder e seu interesse estava acima de tudo. Narcisista, não perdia oportunidade para fazer pouco caso do Visconde. Ele era apenas um sabugo de milho. E a criança reforçou essa imagem, no plebiscito: "— o voto dele não vale! Ele é milho! Milho não vota!" (p. 139). E apresentase para o Dr. Barnes, como autora da grande transformação da humanidade. A responsável pela sua supressão (p. 108).

Elemento de grande importância na estória, por ser o instrumento mágico que permite a aventura e o maravilhoso é o novo pó do Visconde, chamado de superpó, "capaz de maravilhas ainda maiores que o velho pó de pirlimpimpim" (p. 11). Pois esse elemento mágico, por mais incrível que possa parecer, é fruto de longas pesquisas regadas com intercâmbios científicos. Nesse sentido, o "salto" de Emilia para o fim do mundo tem algo de ficção científica. O presidente americano compara o pó com o tapete mágico. E a maneira como é usado, em doses certas para o momento exato, já é algo de marcadamente científico. Atente-se também para a sugestão lúdica, com sabor de onomatopéia, do nome "pirlimpimpim" e a modernidade e racionalidade sugerida por "superpó".

Assim tornou-se possível, para uma criança, ajudar a influir na realidade ou mesmo modificá-la através de um elemento, fruto não da mágica feérica, mas, sim, da ciência. A sugestão é clara: o uso da razão aliado à criatividade, como meio de solucionar os problemas. E uma sugestão didática: não temer nem tremer diante da realidade mais absurda. Não só devemos adaptar-nos racionalmente e usar nossa capacidade de criação, mas também questionar a realidade, pois as aparências enganam: "— O que me pareceu uma floresta, não passa de um jardim" (p. 19).

Desse modo, não espanta que o apequenamento tenha trazido ao questionamento o problema do tamanho. E de um modo veemente. Ele passa a ser responsável pelos males da humanidade anterior. A primeira conseqüência de sua perda foi a extinção da Humanidade, porque o que restava era a Bichidade.

"— Estou vendo que a grande força dos homens estava no tamanho — disse Emília. — O tamanho era como o cabelo de Sansão. Quando Dalila cortou o cabelo de Sansão, o coitado perdeu toda a força" (p. 109).

O Visconde exemplifica com Hitler: permanecia o mesmo em energia mental e espírito destruidor, mas não podia apesar da vontade de aço.

A bicharada, entretanto, ficaria contente, com o fim do Tamanho. Afinal, sofria muito nas mãos dos homens. Ele tornava os homens maus. (p. 112). Para o Visconde o seu fim era significativo porque produzia escassez, no destamanho é que está a abundância.

Pelo exposto podemos concluir que a presença de elementos da ideologia positivista não é pequena no livro. Ela não somente dá corpo ao mesmo na estruturação da estória, como também impregna o pensamento e a ação dos personagens, muitas vezes aparecendo claramente, de maneira didática, com referências diretas a seus principais conceitos; outras vezes, de modo não tão claro, mas facilmente perceptível no texto.

BIBLIOGRAFIA

- COMTE, Augusto. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo, Editora USP, 1976. Tradução de Renato Barbosa R. Pereira.
- LOBATO, Monteiro. *A chave do tamanho*. 16. ed. São Paulo, Brasillense, 1977.
- PADOVANI, Umberto & CASTAGNOLA, Luis. *História da filosofia* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975. p. 429-39.